

CABO VERDE

BOLETIM DE PROPAGANDA E INFORMAÇÃO

Julho

1953

ASSINATURA PARA 12 NÚMEROS: PORTUGAL E ULTRAMAR 30\$00 ESTRANGEIRO 60\$00

Palavras de Sua Excelência o Subsecretário de Estado do Ultramar na Câmara Municipal da Praia

Não pretendo fazer um discurso, mas simplesmente explicar os motivos e os intuitos desta minha rápida visita a Cabo Verde.

Desejou o Governo que um seu representante especial assistisse em Bissau à inauguração da ponte-cais, por ser esta a obra mais importante realizada até agora na Guiné e certamente a mais desejada para o progresso económico da provincia. Estive, pois, na Guiné e lá me demorei quinze dias, tendo percorrido o território antes de proceder à referida inauguração.

Assim, a ponte-cais de Bissau constituiu o motivo fundamental que me levou a sair de Lisboa, mas, uma vez decidida a viagem, logo o Senhor Ministro do Ultramar pensou que se impunha visitar também, embora mais rapidamente, a Provincia de Cabo Verde. O aviso «Afonso de Albuquerque» fora a Bissau para ser o primeiro barco a atracar à ponte e ele me traria, como trouxe, até ao arquipélago.

Sabem, assim, V. Ex.^{as} como vim de Lisboa à cidade da Praia, passando pela Guiné.

Não quero também deixar de explicar o interesse que, em meu próprio entender, esta visita pode ter.

Em primeiro lugar, não considero que uma visita seja um remédio. Se o simples facto de visitar qualquer localidade pudesse constituir um remédio para todos os seus problemas, gostosamente me transformaria em perpétuo caminhante, mas infelizmente os problemas não consentem solução tão simples.

Também não considero uma visita como inspecção.

Na orgânica dos serviços públicos existem inspectores numerosos e especializados, a quem essas tarefas são confiadas. A eles e só a eles compete inquirir, investigar e relatar.

A propósito da pesca do coral em Cabo Verde

Os sismos lentos: pulsações vitais da terra.

Nas notas que escrevi no Boletim Cabo Verde, acerca da possível pesca do coral, fiz referência a um soberbo artigo publicado na excelente revista italiana «Sapere», em 31 de Dezembro de 1951, pelo erudito professor Dr. Emídio Prata sob o título «Os sismos lentos: pulsações vitais da terra» onde muito se diz sobre as formações coralíferas, que muito interessará saber aos estudiosos que das coisas cabo-verdianas tratam.

Diz o ilustre professor:

«Na marcha do nosso planeta ainda não apareceu a rigidez cadavérica». Esta expressiva sentença de Pascal representa com vigor a realidade da contínua, embora lenta, transformação do globo terrestre.

Provas irrefutáveis demonstram que a terra em que poisamos os pés com tanta confiança e na qual construímos as bases das construções mais colossais para as tornarmos imóveis, está longe, realmente, de ter chegado à «rigidez cadavérica». São prova disso as erupções vulcânicas, os terremotos que com a frequência média de três por hora, sacodem a superfície da terra. As enormes forças que em diferentes épocas geológicas, deram origem às potentes cadeias dos Alpes, dos Apeninos, dos Andes e do Himalaia, ainda não morreram e continuam a trabalhar. Só a rápida vida da humanidade impede que do seu poderoso trabalho, não se possa tomar conta visualmente. As forças endogénas trabalham há milhões de séculos e continuarão a trabalhar para transformarem continuamente o *facies* da terra e os efeitos acumulam-se de forma a produzirem profundas mudanças no seu todo. Mas o trabalho é lento, a unidade de medida é a época geológica e o observador relaciona a impressão das linhas fundamentais do seu ambiente. Todavia a força dos factos evidentes constrange-nos a admitir um movimento mais rápido de determinadas zonas da superfície terrestre em relação com outras zonas. E' também esta diferente velocidade do movimento nas diversas zo-

nas que nos permite constatar a existência desse movimento.

Podemos reunir em três categorias os movimentos que interessam a superfície do globo: as marés da crusta, movimentos periódicos semelhantes às marés dos mares e produzidos pela mesma causa, mas de menor tamanho; os mécosismos e microsismos, que são vibrações rápidas devidas aos terremotos ou respectivamente a perturbações meteorológicas ou marinhas, e finalmente os sismos lentos, quer dizer os movimentos lentos da crusta terrestre.

Evidentemente, é na linha de descontinuidade água-terra que se devem pôr mais em destaque estes movimentos de uma, com respeito à outra, ou vice-versa. O mar oferece precisamente, um cómodo nível de referencia e a linha de praia deve ser o índice do movimento.

Numerosas são as provas de que existe efectivamente um lento movimento relativo de algumas zonas da terra, em referência ao mar. Deslocamentos da linha de praia num sentido ou no outro, com respeito ao esgotamento ou alagamento das zonas costeiras, a união de ilhotas à terra firme ou a separação dos promontórios e a formação de ilhotas, os terraços e os sulcos ao longo das costas marítimas, o prosseguimento debaixo do mar dos vales de formação fluvial, eis outros tantos efeitos dos verdadeiros deslocamentos no sentido vertical da terra em relação ao nível do mar ou vice-versa.

Os movimentos lentos verificados quer em épocas históricas quer agora, foram denominados sismos lentos pelo professor Issel da Universidade de Génova que os estudou numa obra formidável publicada em 1883. Para evitar equívocos, convém explicar rapidamente a terminologia. Diremos como Suess que os sismos lentos positivos são os movimentos do abaixamento do terreno e sismos lentos negativos os movimentos de levantamento do terreno. Nas vizinhanças das praias, os sismos lentos positivos serão acompanhados por transgressões do mar, pelo aumento da altura do nível marítimo em relação à

terra firme, por submersão e nos sismos lentos negativos ter-se-á a regressão do mar, o abaixamento do seu nível médio e a emersão da terra firme. Suess deu estes epítetos, partindo da hipótese da contração da terra pelo resfriamento e portanto o aumento do mar nas praias é um fenómeno negativo. Por outras palavras, os sismos lentos são positivos ou negativos conforme a linha de praia se levanta ou se abaixa, respectivamente. Actualmente continua a manter-se esta terminologia, se bem que as hipóteses actuais não mantenham as premissas que a justificavam.

Exemplos clássicos dos sismos lentos

As primeiras observações dos sismos lentos foram feitas nas costas escandinavas e devem-se a Celsius e Lineu que em 1730 deram a opinião de que o Báltico baixava ao longo das costas da Suécia um metro em cada século. Foram então feitos nas rochas numerosos sinais em relação ao nível da água e a alturas determinadas e esperaram-se as deslocções. Passados 13 anos um destes sinais, feito numa rocha da ilha de Löffgrund na Suécia, estava acima do nível do mar, 18 centímetros. Concluiu-se que o mar baixava 1,38 metros em cada século, o que era demasiado, porque Lyell em 1834 só tinha registado 76 centímetros mais acima, mas também observou que uma linha tirada ao nível da água em 1820 num rochedo próximo de Oregund na Suécia estava em cima do nível do mar 14 centímetros. Em Sundsval a elevação alcançou 1,36 metros num século, enquanto que em Estocolmo tinha sido apenas 24 centímetros. A sul, perto de Malmo e Ystad tem todos os sinais de uma gradual submersão, enquanto que nas costas do Kattegat nota-se a elevação.

Os terraços litorais.

Poderiam citar-se numerosos exemplos de sismos lentos observados em muitas partes da terra, mas limitar-me-ei a fazer referência a dois grandiosos fenómenos entre os mais eficazes para provarem a existência das emersões e respectivamente das submersões: os terraços litorais e as construções coralíferas.

O movimento ondulante do mar que bate continuamente nas praias e as ressacas corróiem e demolem a pouco e pouco as costas rochosas que se opõem à transgressão da água, deixando bem evidentes os sinais da sua acção contínua durante sécu-

los e séculos. A borda assim formada ficará marcada nas rochas se num dado momento a costa sofrer um levantamento, e apresentar-se-á sob a forma de um degrau mais ou menos gasto e a sua altura acima do nível do mar, nos dirá quanto a costa subiu.

No entanto, o mar iniciará a sua obra de corrosão na nova frente, formando uma nova borda se a costa atravessar um período de repouso. Se depois o fenómeno de levantamento continuar, formar-se-á fóra do mar um novo degrau. Ter-se-á assim uma sucessão de terraços litorais. Do estudo do seu perfil normal e longitudinal poder-se-iam tirar elementos sobre a duração e sobre o grau de uniformidade das várias fases do movimento de levantamento. Assim, enquanto no espelho do degrau se devem encontrar os traços da acção erosiva do mar ou dos seus habitantes, como grutas tuneis ou furos de litofágos, no pavimento do degrau, devem aparecer acumulações de detritos orgânicos, devidos ou a peixes ou a moluscos.

Os terraços litorais aparecem um pouco por toda a parte. Exemplos clássicos são as célebres «vias paralelas (parallel roads) de Glen Roy na Escócia, onde aparece bem evidente a prova do levantamento da costa. Na Noruega os terraços são sete, atingindo como altura máxima 176 metros sobre o nível actual do mar. Um destes terraços em Altafjord tem 48 quilómetros e eleva-se de sul a norte de 25 a 66 metros acima do mar, dando assim a prova irrefutável que se trata do levantamento da terra e não de abaixamento do mar. Na Groenlândia o Kane tem 41 sobreposições umas às outras, «imponente fila de escadas que conduzem mediante 41 gigantescos degraus a uma elevação de 146 metros». Na Itália um belo exemplo de repeidos terraços encontra-se na Calabria, onde o terraço mais alto tem 1 300 metros (1).

(Conclui no próximo número)

Pela tradução:

Armando Xavier da Fonseca

(1) Nota do tradutor.

Na ilha de Santiago um dos terraços mais característicos é aquele onde assenta a Achada Grande. Na ilha do Fogo e de S.^{to} Antão há-os muito interessantes, mas o mais interessante é o de Ilha Brava, que cresce sem cessar porque ainda não atingiu a sua máxima altura.